

**GRACILIANO RAMOS E OS PERSONAGENS-AUTORES: DA
ANGÚSTIA DO SILÊNCIO À ANGÚSTIA DA PALAVRA**

Aline Bezerra da Silva (UFRJ/FAETEC/IBGE)

Resumo: Nos romances cuja análise se pretende neste artigo, o estabelecimento de sucessivas coerções internas e externas vai nortear os estreitos limites entre os quais os personagens de Graciliano Ramos poderiam mexer-se. Sem consciência da autonomia da vontade, o que influirá nos desígnios da liberdade é a existência irremediável de estreitamentos que condicionará o exercício de uma liberdade ordinária, quase uma inviabilidade da liberdade. A partir da leitura de *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*, com destaque para os narradores-personagens, figuras fraturadas por questões de cunho existencial, buscar-se-á discutir a dissonância que ecoa literariamente. Em meio ao ato de rememoração e retextualização de ações, sentimentos e reflexões, tais narradores deparam-se com a escrita como resultado dos fios de memória que se entrelaçam, o senso do trágico presente na obra de Graciliano, metonimizada ou metaforizada na figura do cárcere, por vezes mais situacional que real. Coerções norteiam essa liberdade diminuta, que, para firmar-se e afirmar-se, instiga nos narradores o desejo da criação literária, como a sugerir que à escrita coubesse o papel de potência e resistência. Dessa forma, ser o demiurgo de um mundo em construção imaginativa coaduna-se com a possibilidade de resistir ao mundo real, como escravo e senhor das margens que os oprimem, seja no campo imaginário, no caso das personagens, ou no factual, no caso do autor alagoano. Uma opressão que se revela, antes de tudo, com as marcas contrastantes das diferenças sociais, tão discutidas e tematizadas na década de 30. Nesse processo, tanto o espaço da escrita quanto o da vida revelam-se num encarceramento ora desejado ora refratado, muitas vezes metafórico/metonímico, mas sempre presente numa alternativa à consciência infeliz. Isolar-se voluntariamente ou não se mostra determinante para a decantação das angústias sentidas e para sua transmutação em escrita: pena-escrita, pena-condenação. Hora de ouvir os ecos das vozes que emudeceram.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; angústia; narrador-personagem

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 2009, p. 11).

“[...] os textos mais intrigantes não são os que podem ser lidos, mas os que são ‘redigíveis’ (scriptible) – textos que estimulam o crítico a modulá-lo, a transferi-los para discursos diferentes, a produzir seu jogo semiarbitrário de significado [...]” (Eagleton, 1997, p. 189)

“Se o livro que estamos lendo não nos sacode e acorda como um golpe no crânio, por que nos damos ao trabalho de lê-lo?” (Kafka apud MANGUEL, 1997, p. 113)

Introdução: o cárcere e a escrita

Para tratar da questão entre literatura e dissonância, gostaria de responder à questão inicial: por que Graciliano? Porque é um clássico, é redigível e golpeia o crânio. Há essa tripla potência no desassossego vindo das obras do autor. Há, ainda, o zigzaguear entre questões locais e universais, o retrato do cenário político brasileiro e os dramas íntimos que assolam as personagens, revelando a essência trágica das vidas delas e, por extensão, da existência humana, o cuidado formal e a irreplicação das experiências estilísticas, como já assinalado por Antonio Candido, para quem cada experiência do autor alagoano era uma experiência encerrada (CANDIDO, 1992).

Com base na minha tese de doutorado *Caetés, São Bernardo e Angústia: mundo-prisão*, defendida em março de 2014 pelo Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, passo agora a abordar duas questões que relaciono ao tema do Simpósio nos três primeiros romances de Graciliano: o cárcere fractal dos subterrâneos e a dualidade entre escrita-pena e escrita-libertação.

O cárcere fractal, reflexo da inevitabilidade do fim trágico dos seres humanos, a solidão inescapável, remete a uma constante sensação de imobilidade gerada por questões limítrofes entre as escolhas pessoais e os estreitamentos das possibilidades. Fractal porque contém nas partes características do todo forma autossimilar, guardando em si propriedades de um padrão repetido. Não que as obras abordadas tragam qualquer tom fatalista, mas nelas se evidencia o drama subjetivo que assola cada personagem-narrador, estando suas liberdades confinadas a uma movimentação de tal forma ordinária, que mais parece ausência de liberdade. Essa ausência de liberdade ou aprisionamento surge de forma metonímica em vários momentos e lugares, de forma fractal.

Já a dualidade entre escrita-pena e escrita-libertação remete à relação que cada um dos narradores-personagens, que também se pretendem escritores, estabelece com o próprio processo de escritura, com a maneira como essa atividade ressoa em seus interiores a partir das memórias resgatadas voluntariamente ou não.

Caetés

Em *Caetés*, publicado em 1933, João Valério, jovem guarda-livros apaixonado por Luísa, a esposa do patrão Adrião, tenta escrever um romance histórico, sem conhecimento que o respalde. Acaba vivendo o amor proibido, paralisa os encontros pouco antes da morte de Adrião, em decorrência da tentativa de suicídio deste, e desiste do intento literário. Torna-se sócio da viúva e do cunhado dela. O narrador se debruça pouco sobre a própria memória e anseia pelo que ainda não é. Como afirma Kierkegaard, “o jovem desespera do futuro” (KIERKEGAARD, 1979, p. 278). Crê-se de muito valor e, ao mesmo tempo, mostra-se inseguro quanto às qualidades que diz possuir. Suas prisões são a cidade pequena, o quarto de pensão, o escritório, as relações amorosas, o romance histórico que não consegue escrever. Sente impulso de libertar-se e o máximo que consegue é abrir mão da escrita como atividade que lhe esfregava nas fuças sua ignorância. O desejo de escrever o romance histórico esbarra na falta de conteúdo e na incapacidade de lidar com a forma, de maneira interessante. À medida que substitui o desejo de escrever pelo reconhecimento da própria natureza humana caeté, João Valério quer e não quer ser ele mesmo e depara-se com o desespero inconsciente de ter um eu. Angustia-se pela escrita que não deveio. Cala o temor do insucesso, abraçando uma vida distante das agitações provocadas pela atividade criativa. O sentimento alternado entre a angústia da palavra e a do silêncio cedem à tranquilidade de uma vida enfim desprovida de inquietações, porque desprovida também de sua vertente mais imaginativa.

São Bernardo

Em *São Bernardo*, de 1934, Paulo Honório, homem maduro que trilhou um árduo caminho de conquistas materiais nem sempre lícitas, reifica as pessoas e as relações, crendo-se único dono da voz autorizada, repudiando pensamentos contrários aos dele e silenciando as demais vozes, pelo grito, pelo silêncio arditoso da emboscada, ou pelo safanão. Resolve escrever um livro para contar a própria história. Pensa em dividir o trabalho para que seja executado por outras pessoas, segundo suas habilidades,

mas o plano inicial dá errado e decide ele mesmo contar o que viveu. Paulo Honório que considerava a propriedade privada seu grande trunfo termina seus dias aprisionado a ela, descobrindo ali a metonímia de sua relação reificada e deteriorada com todos os que o cercavam. O homem ágil, de memória aproximada à ideia de *continuum* histórico, cede lugar ao dínamo emperrado, ao volante empenado, à medida que a história se desenvolve em escrita do livro a que se dedica. O momento inicial metodicamente organizado, representativo do pensamento pragmático do narrador, é substituído pelo rompante motivado pelo simbólico pio da coruja, sendo importante lembrar que a atividade de extermínio delas marca a manhã do suicídio de Madalena. A coruja traz consigo o desejo irreprimível da escrita, anunciando certa desconstrução de valores com os quais o narrador se afinava. O domínio sobre as ações e a falta de familiaridade com a escrita caminham em direções opostas, assim à medida que as contingências tomam conta do enredo com seus emperramentos é a mão que escreve que parece ganhar vida, havendo relação nítida entre agir e pensar. Quanto mais o personagem age, menos ele reflete e consegue escrever. Os momentos de aparente imobilismo são justamente os de maior concentração de produção no que tange à escrita. O silêncio que o aprisionava em sentimentos não elaborados encontra saída na escrita, mas a escrita, antes repulsiva, transforma-se em atividade compulsiva e necessária. Não menos angustiante porém. Silêncio externo interrompido pelo crocitar da coruja e pelo barulho interno, arrepios em profusão. Intercâmbio entre a angústia do silêncio e a angústia da palavra.

Angústia

Já em *Angústia*, publicado em 1936 quando o autor Graciliano Ramos ainda se encontrava na prisão, Luís da Silva, funcionário público, redator de jornal oficial, ressentido de sua vida profissional medíocre, fica noivo de Marina que o troca por Julião Tavares que, mais tarde, ele vem a assassinar. De forma reiterada, surgem menções a textos já escritos por ele e ao romance que pretende escrever. Nesse livro, são vários os cárceres simbólicos: a repartição pública, a casa em dismantelo, o café, a prisão, a escola, a vaidade e a velhice, a memória, o conhecimento e a ignorância, as privações e a abastança, as relações familiares e as demais relações afetivas (e sexuais), o desejo de controle, o quintal de casa. O narrador Luís da Silva surge como paradoxo da natureza libertária do intelectual, levando-se em conta a visão sartreana. Por um lado, o trabalho dele o envolveria em um ofício criador e inquietador, mas, no decorrer da leitura, percebe-se que não é o que acontece ao funcionário que se vê levando “vida de

sururu” (RAMOS, 1969, p. 21). O discurso de Luís segue enviesado, sobrepondo referências temporais muitas vezes imprecisas. Sua rejeição à propriedade privada opõe-se à subserviência aparente, repleta de conflitos. Reclama da falta de criatividade depois do assassinato de Julião Tavares, “munheca emperrada” (RAMOS, 1969, p.19), analogia com o dínamo emperrado de Paulo Honório. Ao contrário de Paulo, porém, o processo da escrita de Luís da Silva não o imerge em interiorização, sendo sua confecção textual de natureza prática. Sua pena profissional é sabidamente mentirosa, sem possibilidades catárticas.

Trata-se o último do romance mais asfixiante entre os três, em que há a proliferação de espaços onde se podem detectar a invisibilidade e a falta de interação. As lembranças surgem confusas, envoltas em referências a passado recente, passado distante, sem muitos planos ou possibilidades. Em alguns momentos, Luís da Silva afirma não querer ser um rato; em outros, reconhece-se um “percevejo social” (RAMOS, 2002, p. 37). Enxerga qualidades intelectuais em si mesmo, mas tal percepção não é o suficiente para fazê-lo aceitar-se. Divide-se entre o desespero de querer ser ele próprio e o desespero de não querer ser ele próprio. Observa no exterior o desconchavo que lhe vai no interior e vê em Julião Tavares a representação de todas as figuras de poder que lhe causavam recordações dolorosas: o pai, Mestre Antônio Justino, Dr. Gouveia, o guarda, os caridosos, o sargento, o Governador, o Secretário, o chefe da repartição, o diretor. Angústia é o romance em que mais se pode notar a existência do cárcere fractal, inclusive quanto a outros personagens. Silêncio e palavra são complementares nesse processo de estrangulamento.

Considerações finais

3.535. 3.535. Com esse número, a ditadura varguista tentava despersonalizar o autor Graciliano Ramos, despojando-o de sua identidade. Reconhecido pelas qualidades literárias, Graciliano também deixou o legado moral da retidão na administração da coisa pública em sua trajetória, que reúne experiências como Presidente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios, Prefeito de Palmeira dos Índios, diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, Diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo equivalente a Secretário Estadual de Educação, e, finalmente, Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro. Um daqueles casos em que quanto mais comprovada a competência administrativa mais ela conduz o profissional para cargos de alcance cada vez mais

restrito. Preso sem acusação formal em 3 de março de 1936 teve sua liberdade conquistada 10 meses depois, em 3 de janeiro de 1937.

Suas trajetórias pessoal, profissional e literária conduzem muitas vezes à reflexão sobre o absurdo e sobre a liberdade de atuação, num processo em que ficção e realidade deparam-se com a inevitabilidade do trágico. Coerções internas e externas fazem-se sentir no trato com a sociedade e na elaboração subjetiva dos episódios sejam eles vividos ou criados, parte das Memórias do Cárcere ou das memórias voluntárias ou involuntárias dos personagens cerceados por restrições não demarcadas por espaciais.

A dissonância se estabelece nas obras em questão ao se considerar a construção de uma visão crítica pautada na complexidade do humano e das estruturas sociais nas quais se inserem, ao golpear-nos sucessivamente os crânios trazendo à tona inquietações de cunho existencial e ideológico, vozes distantes autorizadas ou não, ao mostrar-nos a escrita como prisão e liberdade.

Referências:

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed., 11ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. 1. reimp. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Edit. 34, 1992.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KIERKEGAARD, Søren . *O desespero humano (Doença até à morte)*. 6ª ed.. Trad. Adolfo Casais Monteiro. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RAMOS, Graciliano. Angústia. 11ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1969.

_____. _____. Edição comemorativa 75 anos. São Paulo: Record, 2002.

_____. Caetés. 29ª ed. São Paulo: Record, 2002

_____. São Bernardo. 71ª ed. São Paulo: Record, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura? Trad.: Carlos Felipe Moisés. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Ática, 1999.

SILVA, A.B. da. Caetés, São Bernardo e Angústia: mundo-prisão. 2014. 220 f. Tese (Doutorado em Letras/Ciência da Literatura). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.